

# A VOZ DO COMERCIO

## QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS

12 N.º PORTO

ASSINATURAS  
(Pagamento trimestral adiantado)  
CONFINENTE . . . . . 6\$00  
COLONIAS . . . . . 13\$00  
ESTRANGEIRO . . . . . 28\$00  
Numero avulso—1\$50  
Redacção e Administração  
R. Santa Catarina, 502—PORTO—(Portugal)

DIRECTOR E ADMINISTRADOR  
ANTONIO MARTINS DA FONSECA  
REDACTOR  
LICINIO A. F. DE SOUSA  
EDITOR  
ALBERTO FERNANDES LEAL

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção.

OS ORIGINALS NÃO SE RESTITUEM

Comp. e Imp. na Tipografia ARTES & LETRAS  
Rua Fernandes Tomás, 915—PORTO

1.º ano

Pôrto, 1 de Abril de 1929

N.º 7

# LUCA PACIOLO

A theoria das contas a valores teve o seu completo desenvolvimento nos trabalhos de **Fabio Besta** antigo e illustre director da *Real Escola Superior de Commercio*, de Veneza.

Qualquer das duas theorias;—diz **Giovanni Massa**,— explica scientificamente o mechanismo das contas.

São principios invariaveis.

Considerando os registos dos factos administrativos, formula a contabilidade estes principios egualmente invariaveis:

—E' deverdo quem recebe um valor ou se obriga a entregar um valor, é credor quem entrega um valor ou adquire o direito de receber um valor.

Não pôde surgir um debito sem que surja contemporaneamente um credito equivalente. Em qualquer momento da administração a somma de todos os debitos é igual á soma de todos os creditos.

Tratando dos direitos e obrigações ella estabelece que todos os direitos e obrigações se dão entre o proprietario e terceiros e nunca entre terceiros

E explica scientificamente, sob este ponto de vista, o mechanismo das contas, nos mostra que em toda partida uma das contas é sempre a do proprietario, omitida nos factos permutativos, em que só figuram contas de terceiros, por brevidade apenas, uma vez que todo facto permutativo dá logar a dois lançamentos, um em que o proprietario é debitado, e outro em que é creditado. Na compra de mercadorias a praso, por exemplo, o proprietario deve a mercadoria ao correspondente, e ahí temos o primeiro lançamento; depois o agente-consignatario, que a recebe á guarda, deve ao proprie-

tario, e ahí temos o segundo lançamento. Por brevidade lança-se directamente o debito do agente-consignatario pelo credito do correspondente. Mas as relações juridicas subentendem-se entre o proprietario e terceiros, comprehendidos no numero destes os seus agentes-consignatarios.

Deduz formulas invariaveis para a compilação das partidas e classifica-as em formulas simples, formulas compostas e formulas complexas, segundo haja um só devedor e um só credor, um só devedor e diversos credores, ou então diversos devedores e um só credor, ou, finalmente, diversos devedores e diversos credores.

Dá a theoria geral dos diversos methodos, da partida simples, das partidas dobradas, da logismographia, de outros ainda. Compara-as entre si, mostra-lhes as excellencias e defeitos. Tudo isto são principios perfeitamente systematisados.

E onde ha uma systematização de principios ahí ha uma sciencia. Poderão dizer-nos:—são poucos e simples esses principios. E nós poderemos responder que todo systema de conhecimentos, por pequeno que seja, é sciencia, assim como todo systema de acções é arte. A sciencia necessita da arte para se tornar util, mas a arte necessita da sciencia para ser illuminada e patente. E eis aqui a enorme vantagem dos que estudam a sciencia da contabilidade sobre aquelles que só conhecem a arte empirica. A obra destes nem sempre é illuminada, nem sempre é potente, domina-os muitas vezes a rotina. Para estes a contabilidade, em suas funcções escripturaes, tem *fôrma*, mas não tem *fôrma*. E na sua adoravel candura

quantas vezes estes homens da *fôrma* e não da *fôrma* se escandalisam ao vêr um que possui a sciencia e é senhor da arte deixar de lado as suas *fôrmas* e applicar ao trabalho *fôrmas* que desconhecem!...

Poderão objectar-nos que os principios e as leis da contabilidade são emprestados a outras sciencias. E nos responderemos:—nenhuma sciencia se formou jámais sem o concurso de outras sciencias. Nenhuma sciencia deve a si mesma a sua existencia e o seu desenvolvimento, cada uma empresta elementos a uma outra, serve se de verdades já estabelecidas. Nenhuma sciencia vive isolada. A contabilidade tem estreitas relações com o direito, com a economia, com estatistica, com a mathematica,—tem estreitas relações com todas estas sciencias mas não depende totalmente de nenhuma em particular, em nenhuma pôde encontrar todos os principios de que directamente tire todas essas multiplas normas que dirigem na pratica a sua applicação infinita.

O objecto da contabilidade é proprio,—é o estudo das administrações patrimonias consideradas em seu funcionamento juridico-economico E eis ahí porque tratadistas como **Bellini** a capitulam entre as sciencias juridico-economicas.

«*La ragioneria ha pertanto carattere manifesto di scienza economica, e nella enciclopedia delle scienze giuridico-economiche vuol essere annoverata.*»

São poucos e simples os seus principios e as suas leis. Mas quem fixou jámais os limites a que ha-de chegar uma serie de demonstrações theoricas para aspirar á dignidade de sciencia? Nem por serem poucos e simples os seus principios deixa ella de ser sciencia nobilissima. Nu-

ma bella synthese nos faz ver **Cerboni** toda a sua grandissima importancia: — «Ella considera as administrações todas, segue-lhes o desenvolvimento juridico e economico, estabelece os criterios sobre que se devem basear as diversas responsabilidades, e fornece os methodos e meios psra se poderem conhecer e demonstrar os resultados obtidos». Nenhuma outra sciencia, — é ainda **Cerboni** quem o diz, — apresenta tantos caracteres de universalidade e de necessidade ao bom convívio social como a sciencia da contabilidade. Do estudo desta sciencia nenhum homem deve dispensar-se,

porque todos, impellidos pelas circunstancias, se servem della, se vêm obrigados a recorrer a ella incessantemente. Quantas ruinas economico-financeiras não se têm dado, no presente e no passado, pelo desconhecimento da contabilidade!...

O logar desta sciencia junto das administrações economico-patrimoniaes não deveria ser jámais o de um subordinado humilde, mas o de um guia esclarecido e deligente.

O egregio professor **Bonalumi** teve estas palavras soberbas numa sua conferencia em Roma:

— A contabilidade está para a administração assim como a razão

está para a vontade humana, neste sentido: — A característica da vontade é agir, a característica da razão é illuminar a fim de que a vontade haja bem.

Assim, o papel caracteristico da administração é operar, o da contabilidade é illuminar a administração afim de que esta opere do melhor modo possivel. Uma é a acção, a outra é o raciocinio». As duas funções, a da administração e a da contabilidade, são, pois, inseparaveis, como são inseparaveis na vida humana a vontade e a razão, — commenta **Cerboni**.

(Continua)

## REFERENCIAS ESPONTANEAS

### QUE AGRADECEMOS MUITO RECONHECIDOS

#### IMPRESNA

De "Industria Portuguesa", Revista da "Associação Industrial Portuguesa", Fevereiro de 1929.

##### "A Voz do Comercio"

Quinzenario dos contabilistas e guarda-livros, com séde no Porto. Muito bem apresentado; os nossos cumprimentos.

De "A União", Angra de Heroismo, 14 de Março de 1929.

##### "A Voz do Comercio"

Com este titulo acaba de iniciar a sua publicação no Porto um interessante quinzenario muito util aos contabilistas e guarda-livros, constituindo para eles um precioso auxiliar, excelentemente organizado.

A assinatura trimestral custa apenas 600, sendo a redacção do novo jornal na R. de Santa Catarina, 502, Porto.

Desejando ao novo colega muitas prosperidades e longa vida, recomendamos-lo ás pessoas a quem os assuntos nele verificados possam interessar.

De "Flor do Tamega", Amarante, 14 de Abril de 1929.

##### "A Voz do Comercio"

No dia 1 de Janeiro começou a sua publicação no Porto um quinzenario dos contabilistas e guarda-livros. Preenche 16 páginas de assunto da sua especialidade, que trata desenvolvidamente e com todo o cuidado.

Insera uma secção litteraria, artistica, moral e scientifica; paginas consagradas ao torneio litterario dos novos; curiosidades, variedades, notas de teatro, etc..

E' um precioso guia para os contabilistas e guarda-livros portugueses, que na valiosa secção tecnica de "A Voz do Comercio" tem muito que aproveitar.

O quinzenario é dirigido pelo Sr. Antonio Martins da Fonseca. Redactor o Sr. Licinio A. F. de Souza e editor o Sr. Alberto Fernandes Leal.

Estão publicados 4 numeros que se facultam a quem interessar, custando a assinatura 600 por trimestre — Redacção R. de Santa Catarina, 502, Porto.

Agradecemos á illustrada Redacção a gentileza de que usou para connosco.

#### LEITORES

Valadares, 16 de Fevereiro de 1929.

Ex.<sup>ma</sup> Direcção de "A Voz do Comercio",

Esteu de posse dos dois primeiros numeros do vosso prestante Jornal, que me interessou verdadeiramente pelas suas variadas secções e pela forma como vem sendo redigido e indo de encontro ao apelo de V.<sup>as</sup> Ex.<sup>as</sup>, peço me considerem como assinante.

Desejando-vos o maximo das prosperidades, para vos encorajar na continuação de tão arrojada iniciativa, me subscrevo com elevada consideração,

De V. Ex.<sup>as</sup>  
Mt.<sup>o</sup> At.<sup>o</sup> Vnr. e Obg.<sup>o</sup>

Antonio A. Monteiro

Lisboa, 13 de Fevereiro de 1929.

Ex.<sup>ma</sup> Snr. e Director de "A Voz do Comercio",

Tendo recebido o primeiro e segundo numeros do vosso esplendido quinzenario "A Voz do Comercio", venho testemunhar-lhe o sincero apreço em que fico tendo o referido Jornal, que apreciei devidamente, não só pelo arrojado que representa a iniciativa da sua publicação, mas muito principalmente pelo influxo renovador e progressivo que transparece das suas linhas.

Num meio mental relapso e infecundo como o nosso, em que não floresce nas almas a convicção perene de que só o trabalho digno e o estudo concludente nos pode humanisar e engrandecer — é profundamente grato constatar que ha ainda alguém que se dispõe a fazer alguma coisa de novo e de melhor. E o merito que resulta da obra que V. Ex.<sup>a</sup> encetou, deixa prever que muito se fará de facto, sob o ponto de vista da difusão e concatenação dos conhecimentos gerais da Economia, e da Contabilidade.

Pela parte que me diz respeito farei o que puder para que a vontade com que V. Ex.<sup>a</sup> empreendeu a circulação de "A Voz do Comercio", seja coroada de bom exito.

Subscrevo-me com a maxima consideração,

De V. Ex.<sup>a</sup>  
At.<sup>o</sup> Vnr. e Obg.<sup>o</sup>

Herminio Lopes.

(Continua).

# SECCÃO TÉCNICA

## A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE ESCRITÓRIO

### O PRINCIPIO DA OPERAÇÃO ÚNICA

por Gaston Ravisse

Trad. de Silvino Sotte Mayor do Conselheiro  
Técnico da Associação dos Contabilistas

A organização científica do trabalho procura atingir dois fins principais que, à primeira vista, parecem contraditórios:

- a) a diminuição do preço do custo de fabrico dos productos, e do seu preço de venda;
- b) o aumento simultaneo dos salários.

Para atingir este duplo resultado, a organização científica vê-se na obrigação de reformar os antigos hábitos e métodos de trabalho e de os substituir por outros melhores, capazes de assegurar uma produção maior e ao mesmo tempo um rendimento superior do trabalho. Para se chegar a estes métodos novos e os applicarmos em condições favoráveis tanto para o patrão como para o empregado, a organização abandonando os caminhos batidos pela rotina, deve voltar-se para a sciencia e chama-la em seu auxilio.

Só a sciencia pode, na verdade, pela enumeração completa e pela análise precisa dos elementos constitutivos, determinar as condições particulares dos fenómenos, avaliar os factores e o seu grau de importancia; fixar leis. Só a sciencia é capaz de indicar de um modo preciso e exacto a *melhor maneira de executar uma tarefa*, de fazer um trabalho nas condições *óptimas*; sem fadiga excessiva, sem esforço exagerado da parte do operário ou do empregado.

Desde há muito que os princípios de organização científica penetraram na oficina. Deram aí resultados que ninguém esperava deles. Pelo contrário, nos escritórios, e até estes últimos anos, pelo menos, tais princípios eram absolutamente ignorados ou pelo menos desdenhados. Havia nisso qualquer coisa de paradoxal: porque, qual o beneficio das economias feitas com o fabrico, se elas tiverem de ser logo absorvidas e por vezes ultrapassadas por despesas de escritório de dia para dia mais consideráveis? Muito felizmente, uma reviravolta nas ideias parece ter-se verificado há algum tempo a esta parte. Chega-se pouco a pouco à ideia de uma organização científica do trabalho de escritório. A transformação opera-se lentamente; entretanto, alguma coisa de importante podemos já notar.

\* \* \*

Quando se observa um pouco atentamente a maneira como se executa o trabalho em quasito dos os escritórios, verifica-se rapidamente que entre muitas outras causas de gastos e despesas exageradas, a principal é incontestavelmente a repetição sem interesse algum, de uma mesma operação, o mesmo trabalho feito quatro ou cinco vezes diferentes, quando o poderia ser uma única vez. O exemplo mais frizante, seguindo esta ordem de ideias, é sem dúvida a *repetição dos lançamentos no trabalho de contabilidade*.

(Por se repetir em número 3)

Mas como ainda hoje, de uma maneira muito geral, se efectua a passagem dos lançamentos de contabilidade:

- 1.º *Registo* da operação quer no livro diário, quer nos diários auxiliares;
- 2.º Passagem aos diferentes razões (clientes, fornecedores, razão geral, etc);
- 3.º Estabelecimento dos extractos das contas no fim de cada mês (geralmente um resumo de facturas);
- 4.º Verificação a fim de se procurar os erros que podem ter sido cometidos (e que sempre se praticam) na ocasião das passagens;
- 5.º Desdobramento dos lançamentos diversos que, a despeito do número de colunas de diário, ou mesmo dos diários auxiliares, ficaram por ventilar;
- 6.º Finalmente, a centralização a fim de agrupar os elementos dispersos nos diferentes diários.

Que trabalho e que complicação!

Seis operações, seis lançamentos para se chegar a contabilizar um único facto de contabilidade, isto é, uma única modificação da actividade economica da empresa. Que admira que a contabilidade, tal como tem sido praticada até hoje, tenha sido acoimada por certas pessoas como a mais fastidiosa e ao mesmo tempo a mais rotineira das sciencias applicadas?

Esta prática da repetição das mesmas operações está nitidamente em opposição com os princípios essenciais da organização científica do trabalho. Um dos princípios da organização científica é, positivamente, proscrever e eliminar de qualquer trabalho todos os movimentos inuteis, e, *à fortiori*, toda a *repetição* de movimentos inuteis. Em matéria de técnica do trabalho de escritório, a applicação deste principio é formulada como segue:

«E' preciso atraves de todos os sacrificios reduzir o número de operações qualquer que seja a sua utilidade, e muito particularmente o número de lançamentos».

Será possível está redução do número de lançamentos?

Não basta condenar uma técnica, é preciso ao mesmo tempo poder indicar os processos que permitam a sua substituição por uma técnica nova.

E' o que nós veremos nos números subsequentes do nosso jornal, concluindo a tradução deste artigo.

(Continua).

# ARITMÉTICA COMERCIAL

## Abreviaciones de la multiplicación

Para multiplicar un número por 625 se consideran tres ceros á su derecha, se saca mitad y cuarto y se suman los dos cocientes. Ejemplo:  $2839 \times 625$ . Dispondremos la operación en la siguiente forma:

$$\begin{array}{r} 2839 \dots \\ 1419500 \dots \text{ mitad de } 2839000 \\ 354875 \dots \text{ cuarto de } 1419500 \\ \hline 1774375 \text{ producto.} \end{array}$$

La misma abreviación se efectúa siendo el multiplicador 6,25. 62,5 ó 0,625, separando á la derecha del producto las correspondientes cifras decimales.

Para multiplicar un número por 375 se consideran tres ceros á la derecha, se saca cuarto y mitad y se suman ambos cocientes. La suma es el producto que se busca. Ejemplo:  $7514 \times 375$ .

Dispondremos el cálculo de la manera siguiente:

$$\begin{array}{r} 7514 \dots \\ 1878500 \dots \text{ cuarto de } 7514000 \\ 939250 \dots \text{ mitad de } 1878500 \\ \hline 2817750 \text{ producto.} \end{array}$$

La misma abreviación se realiza si el multiplicador es 3,75. 37,5 ó 0,375. Basta separar á la derecha del producto las cifras decimales correspondientes.

Influye mucho en la rapidez del cálculo conocer los productos de los números comprendidos entre 10 y 20, tomados dos á dos. Como en retenerlos en la memoria puede presentar dificultad, hay un procedimiento sumamente sencillo para obtener estos productos. El producto de dos números comprendidos entre 10 y 20 se compone de unidades, decenas y centenas. Las unidades se hallan formadas por el producto de las unidades de los factores, las decenas por la suma de dichas unidades y las centenas por el guarismo 1. Así, el producto de  $12 \times 13$  es igual al producto de  $2 \times 3$  ó sea 6; á la suma de 2 y 3 ó sea cinco y á 1. El primer producto forma las unidades, la suma las decenas, y el guarismo 1 las centenas. De modo que  $12 \times 13 = 156$ . Si cada una de estas operaciones diese lugar á unidades del orden superior inmediato, se agregarían á éstas. Ejemplo:  $18 \times 19$ .

Diremos  $8 \times 9 = 72$ ; dos es la cifra de las unidades  $8 + 9 = 17$ , mas 7 del producto anterior 24; cuatro es la cifra de las decenas.

Uno mas dos de la suma anterior forman 3, que es la cifra de las centenas. Luego  $18 \times 19 = 342$ . De dos números cualesquiera de dos cifras se puede hallar con facilidad el producto.

Para ello se multiplican unidades por unidades de ambos factores e se obtienen las unidades del producto; las decenas del multiplicando por las unidades del multiplicador y las decenas del multiplicador por las unidades del multiplicando y la suma de ambos productos de la segunda cifra del producto total que se busca, y el producto de las decenas de los dos factores que da las unidades superiores del referido producto.

Propongámonos hallar el producto de  $23 \times 21$  y segun anteriormente epuxesto diremos:

$$\begin{array}{l} 3 \times 1 = 3 \text{ cifra de las unidades del prod.} \\ (2 \times 1) + (2 \times 3) = 8 \text{ cifra de las decenas del prod.} \end{array}$$

$$\begin{array}{l} 2 \times 2 = 4 \text{ cifra de las centenas del prod.} \\ \text{De modo que } 23 \times 21 = 483. \end{array}$$

Si al efectuar un producto parcial resultasen unidades de especie superior se sumaran con ellas. Ejemplo:  $23 \times 48$ .

$$\begin{array}{l} 3 \times 8 = 24 \quad \quad \quad 4 \text{ cifra de las unidades y llevo } 2 \\ (2 \times 8) + (3 \times 4) + 2 \text{ que llevo} = 30 \text{ o cifra de las dec. llevo } 3 \\ (2 \times 4) + 3 \text{ que llevo} = 11 \text{ 1 cifra de las centenas y 1 de} \\ \text{los millares.} \end{array}$$

$$\text{De modo que } 23 \times 48 = 1104.$$

Ja expusimos en el artículo anterior el procedimiento que debía seguir se para hallar el producto de un número por 11. Pues tratandose de multiplicar por 11 un número de dos cifras, el producto se obtiene colocando entre dichas dos cifras la suma de ellas. Así por ejemplo  $24 \times 11$  es igual á dos mas cuatro ó sea seis interpuestos entre el 2 y el 4 sea 264. Otro ejemplo:  $36 \times 11 = 396$ .

Quando á dos números que se han de multiplicar les faltan algunas unidades para valer ciento, el producto se compone de un número de centenas representado por 100 menos las dos diferencias entre 100 e los numeros propuestos y un numero de unidades formado por el producto de dichas dos diferencias. Ejemplo:  $97 \times 94$  Diferencias entre 100 y los factores:

Del primero 3

Del segundo 6.

Las centenas del producto son  $100 - 9 = 91$ .

Las unidades del producto son  $3 \times 6 = 18$ .

El producto es pues 9118.

Otro ejemplo:  $91 \times 92$ .

Diferencia entre 100 y los factores:

Del primero 9.

Del segundo 8.

Las centenas del producto son  $100 - 17 = 83$ .

Las unidades del producto son  $8 \times 9 = 72$ .

El producto es pues 8372.

Si en lugar de ser los factores menores que ciento fueran mayores, la abreviación se verificaria del mismo modo, pero las cifras de las centenas se hallaria sumando con ciento las dos diferencias de los factores. Ejemplo:  $104 \times 107$ .

Diferencias de los factores.

Del primero 4.

Del segundo 7.

Las centenas del producto son  $100 + 11 = 111$ .

Las unidades del producto son  $4 \times 7 = 28$ .

El producto es pues 11128.

Otro ejemplo:  $102 \times 103$ .

Diferencias de los factores:

Del primero 2.

Del segundo 3.

Las centenas del producto son  $100 + 5 = 105$ .

Las unidades del producto son  $2 \times 3 = 6$ .

El producto es pues 10506.

Igual procedimiento puede emplearse con dos números que se diferencien de 1000 en algunas unidades. Si los factores son menores que mil, los millares del producto estaran representados por 1000 menos la suma de las diferencias y las unidades por el pro-

(Continúa na página n.º 106)

# — O — MEU SISTEMA

por *Bernardino Godinho*

## II

No meu artigo anterior omiti além de outras, as seguintes explicações:

a) este trabalho só é acessível a leitores medianamente versados em digrafia;

b) o seu fim especial é a *organização e função dos livros*;

c) os apreciadores de acepipes literarios, não encontrarão motivo para devaneios; manejo difficilmente o vocabulo, por isso só pretendo fazer-me comprehender em linguagem correnteia.

Na soleira de o *Meu Sistema* ocorre-me um feixe de proposições, que não resisto em deixar aqui arquivadas:—

Como classificar instantaneamente as cifras representativas das operações economicas?

Como controlar automaticamente a exactidão das inscrições digraficas?

E como conhecer a todo o momento, a situação quer activa quer passiva da Empresa?

Utilizando um organismo contabilista racionalmente concebido— será a resposta unanime. Realmente assim é; porém, o *busilis* está na concepção desse organismo e daí, o continuar prevalecendo em grande parte, o modo empirico de contabilisação, que não raras vezes, tem sido a origem directa de *débacles* irremediaveis, a que ha-de pôr cobro.

Como?

Utilizando qualquer dos sistemas em voga: *centralizador, americano ou suizo*, será a resposta.

Não tenhamos illusões!

O sistema centralizador, apoiado em elementos estatísticos extra e intra contabilísticos, é realmente de resultados apreciaveis, contudo ha a frisar que o fim maximo desse sistema é a divisão tecnica do trabalho, subentendendo-se pois a existência de vario pessoal auxiliar.

Nas pequenas e medianas empresas onde em geral o Guarda-Livros é o unico fazedor de lançamentos, que resultados práticos podem advir da adopção do mesmo sistema?

O sistema americano só a mui especiais organizações é adaptavel.

E o sistema suizo impõe a applicação de material caro e pouco conhecido no nosso meio.

Está pois por descobrir um metodo ou processo, que satisfaça simultaneamente, as necessidades das grandes e pequenas organizações; ou melhor, a contabilidade está ainda muito longe da sua fase definitiva. Ha que encaminha-la para lá, cumprindo aos estudos essa espinhosa missão.

Por mim vou dar-lhe um empurrão com a feitura de o *Meu Sistema*, onde se atendeu convenientemente, aos seguintes pontos capitais:

a) não plagiar;

b) não agravar a tecnica contabilista;

c) não atropelar a lei (artos. Nos. 29 e 30 do Cod. Com.);

d) manter sempre uma classificação racional das contas, sem necessidade de recorrer ao emprego de folhas moveis ou fichas;

e) ter sempre à vista — e pelo menos, os seguintes elementos:

(1) numerario em cofre;

(2) cifra das disponibilidades;

(3) posição dos stocks por quantidades e valores;

(4) montante das dividas activas;

(5) montante das dividas passivas;

(6) cifra das despesas—classificadas por categorias;

(7) resultados totais;

(8) e resultados por ramo de negocio.

f) permanencia das posições acumuladas;

g) e controle automático.

Depois deste exórdio, estudemos a função e estrutura dos livros com que pretendo resolver o X do decantado problema.

Começarei pelo livro detective, ou seja o

## INFORMADOR GERAL CONSTANTE

de reprodução analitica

### BASES

a) Balancête estatístico N.º 1 de 1 de Janeiro de 1929

#### ACTIVO

Edificios		100.000\$00
Maquinas e Utensilios		75.000\$00
Sacos	2.000 a 1/5\$00	10.000\$00
Trigo	100.000 Kgs. 1/1\$50	150.000\$00
Farinha	11.000 » 1/1\$90	20.900\$00
Cabecinha	2.000 » 1/ \$60	1.200\$00
Semea	2.000 » 1/ \$55	1.100\$00
Farelo	2.000 » 1/ \$50	1.000\$00
Alimpadura	1.000 » 1/ \$45	450\$00
Carvão	20.000 » 1/ \$30	6.000\$00
Oleo A	1.000 » 1/4\$00	4.000\$00
Oleo B	50 » 1/5\$00	250\$00
Esperdicio	50 » 1/2\$00	100\$00
Caixa		14.000\$00
Banco d'Evora		20.000\$00
Banco d'Arraiolos		15.000\$00
Clientela		125.000\$00
Despezas Gerais		5.042\$00
		<hr/> 549.042\$00

#### PASSIVO

Capital	100.000\$00
Fundo de Reserva legal	25.000\$00
Fundo de » especial	25.000\$00
Fornecedores	155.000\$00
Letras a pagar	100.000\$00
Suprimentos	140.000\$00
Ganhos e Perdas	4.042\$00
	<hr/> 549.042\$00

b) reprodução das operações do dia 2 de Janeiro, constantes das respectivas fontes originarias que adiante trataremos.

No proximo numero explicarei detalhadamente o mecanismo deste livro e farei destacar as vantagens do seu emprego.

SALDOS ANTERIORES			Inscrição digráfica das operações	SALDOS POS-	
Quantidades	Importâncias	Natureza		Quantidades	Preços médios
			Transporte . . . . .		1093 053 00
	14 000 00	D	N.º 11		
			CAIXA		
			A DIVERSOS		
			Recebimentos de hoje, conforme os doc. n.ºs 5 a 7 . . . . .		
	125 000 00	D	A CLIENTELA		
			a Pedro Antonio—S. Pedro—s/ entrega . . . . .	2 500 00	
			A VENDAS		
			a dinheiro:		
			de 2000 kilos de farinha a Paulo José . . . . . 1/2 08	4 160 00	6 660 00
			N.º 12		
	20 660 00	D	DIVERSOS		
			A CAIXA		
	140 000 00	C	Pagamentos de hoje, conforme os doc. n.ºs 8 a 18 . . . . .		
			suprimentos		
	5 042 00	D	José Vaz—Vale de Pereiro—n/ entrega . . . . .	5 000 00	
			DESEZAS GERAIS		
			Por um telegrama . . . . .	3 00	
			Compra de aparos . . . . .	2 50	
			Renda do Celeiro de Maximo Rocha—1 ano . . . . .	250 00	
100 000	150 000 00	D	TRIGOS	255 50	
			Compras a dinheiro:		
			de 1.000 kilos . . . . . 1/1 48	1 480 00	101 000
	155 000 00	C	FORNECEDORES		1 49,98
			José do Almagem Monte do Albardão—n/ entrega . . . . .	1 200 00	7 935 50
			N.º 13		
			LABORAÇÃO		
			A DIVERSOS		
	101 000	D	Moedura n.º 2 . . . . .		83 000
	151 480 00	D	A TRIGOS		1 49,98
			Valor de 18 000 kilos, conforme nota de entrega n.º 5 . . . . . 1/1 49,98	26 996 40	19 300
20 000	6 000 00	D	A CARVÃO		30
			Valor de 700 kilos, conforme nota de entrega n.º 6 . . . . . 1/3 30	210 00	990
1 000	4 000 00	D	A OLEO A		4 00
			Valor de 10 kilos, conforme nota de entrega n.º 7 . . . . . 1/4 00	40 00	047
050	100 00	D	A DESPERDICIO		2 00
			Valor de 3 kilos, conforme nota de entrega n.º 8 . . . . . 1/2 00	6 00	
			A FERIAS A PAGAR		
			Conforme o livro de ponto . . . . .	255 00	27 507 40
			N.º 14		
	27 507 40	D	DIVERSOS		
			A LABORAÇÃO		
			Conforme o mapa de rendimento n.º 2 . . . . .		
11 000	20 900 00	D	FARINHAS		24 200
			Valor de 13 200 kilos . . . . . 1/1 89,59	25 026 90	1 89,78
2 000	1 200 00	D	CABECINHA		3 400
			Valor de 1.400 kilos . . . . . 1/1 60	840 00	60
2 000	1 100 00	D	SFMEA		3 070
			Valor de 1.070 kilos . . . . . 1/1 55	588 50	55
2 000	1 000 00	D	FARELO		3 870
			Valor de 1.870 kilos . . . . . 1/1 50	935 00	50
1 000	450 00	D	ALIMPADURAS		1 260
			Valor de 260 kilos . . . . . 1/1 45	117 00	45
			N.º 15		
	122 500 00	D	CLIENTELA		
	4 160 00	C	A VENDAS		
			Vendas a praso durante o dia, conf. as n/ facturas n.º 6/7 . . . . .		
			Honorio Costa—Porto . . . . .		
			1.500 kilos de farinha 1/ 2808 . . . . .	3 120 00	
			500 » de cabecinha 1/ 360 . . . . .	300 00	
			250 » de farelo 1/ 350 . . . . .	125 00	
			40 sacos da n/ marca 1/15 600 . . . . .	600 00	4 145 00
			Antonio Fernandes Mira Godinho—N'esta . . . . .		
			750 kilos de farinha 1/ 2808 . . . . .	1 560 00	
			10 sacos da n/ marca 1/15 600 . . . . .	150 00	1 710 00
			N.º 16		5 855 00
	10 015 00	C	VENDAS		
			A DIVERSOS		
			Pelo custo dos productos vendidos, que se transferem das		
			contas abaixo indicadas para aquela . . . . .		
24 200	45 926 90	D	A FARINHAS		19 950
			Valor de 4.250 kilos . . . . . 1/1 98,78	8 065 65	1 89,78
3 400	2 040 00	D	A CABECINHA		2 900
			Valor de 500 kilos . . . . . 1/60	300 00	60
3 870	1 935 00	D	A FARELO		3 620
			Valor de 250 kilos . . . . . 1/50	125 00	50
2 000	10 000 00	D	A SACOS		1 950
			Valor de 50 sacos . . . . . 1/15 00	750 00	9 240 65
			N.º 17		
1 000	9 250 00	D	SACOS		1 950
			A C/ REGULARISADORA DE SACARIA		5 00
			por diferença para menos no valor de 50 sacos saidos, con-		
			forme o lançamento n.º 14 . . . . . 1/10 00		500 00
			A transportar . . . . .		1178 258 95

TERIORES		Balancete-estatístico n.º 2 resultante das modificações infligidas ao balanc. n.º 1 pelos lançamentos n.ºs II a 17				
Importan- cias	Natu- reza	Contas	ACTIVO			PASSIVO
			Quanti- dades	Preços medios	Valores	
20 660 00	D	VALORES IMOBILISADOS:				
		Edifícios . . . . .			100 000 00	
122 500 00	D	Maquinas e Utensilios. . . . .			75 000 00	
4 160 00	C	VALORES COMPROMETIDOS:				
		Sacos . . . . .	1 950	500	9 750 00	
12 724 50	D	Trigo . . . . .	83 000	149,98	124 483 60	
135 000 00	C	Farinhas . . . . .	19 950	189,78	37 861 25	
5 297 50	D	Cabecinha . . . . .	2 900	60	1 740 00	
		Semea. . . . .	5 070	55	1 688 50	
151 480 00	D	Farelo. . . . .	3 630	50	1 810 00	
		Alimpaduras. . . . .	1 260	45	567 00	
153 800 00	C	Carvão . . . . .	19 300	30	5 790 00	
		Oleo A . . . . .	990	400	3 960 00	
27 507 40	D	Oleo B . . . . .	050	500	250 00	
		Desperdicio . . . . .	047	200	94 00	
124 483 60	D	VALORES DISPONIVEIS:				
		Caixa. . . . .			12 724 50	
3 960 00	D	Banco d'Evora . . . . .			20 000 00	
940 00	D	Banco de Arraiolos . . . . .			15 000 00	
225 00	C	VALORES REALISAVEIS:				
		Clientela . . . . .			128 355 00	
45 926 90	D	CONTAS DE RESULTADO:				
		Despezas Gerais . . . . .			5 297 50	
2 040 00	D	CONTAS DO CAPITALISTA:				
		Capital . . . . .				100 000 00
128 355 00	D	Fundo de Reserva legal . . . . .				25 000 00
10 015 00	C	Fundo de Reserva especial . . . . .				25 000 00
		VALORES EXIGIVEIS:				
		Fornecedores . . . . .				153 800 00
		Letras a Pagar . . . . .				100 000 00
		Suprimentos. . . . .				135 000 00
774 35	C	CONTAS DE RESULTADOS:				
		Ganhos e Perdas . . . . .				4 042 00
37 861 25	D	Vendas . . . . .				774 35
1 740 00	D	CONTAS DE REGULARISAÇÃO:				
		C/ regularisadora de Sacaria. . . . .				500 00
1 810 00	D	Ferias a pagar . . . . .				255 00
9 250 00	D					
9 750 00	D					
500 00	C					
					544 371 35	544 371 35
		O Guarda-livros DAMITO			O Gerente J. MOREIRA	

## A PROPOSITO DAS PARTIDAS TRIPLAS

O Snr. Caldas ou qualquer outro Guarda-Livros alheio ao negocio de fructos do Algarve não pôdem fazer uma pequena ideia duma escrita desta natureza. Ora como este negocio, ha outros tantos que por outros motivos e factores não se pôde encontrar o resultado immediato das operações.

Fui guarda-livros em Lisboa duma importante fabrica de adubos e encontrei igualmente os mesmos embarços. Estive tambem numa das mais importantes fabricas de assucar e tendo abordado ao tempo o meu querido e saudoso mestre, Professor Magalhães Peixoto, sobre a possibilidade de escriturar pelo processo do inventario permanente as transacções da referida fabrica, aquella reconhecida autoridade, que embora nos seus tratados expuzesse esta teoria, teve que se render perante a evidencia, dizendo-me ser impraticavel, a não ser que se fosse debitando a conta de Productos Fabricados pelo importe das materias primas, mão de obra aplicada nos productos acabados, combustivel consumido, etc., etc., e se fosse creditando a conta de Vendas Realizadas pelas vendas.

Neste modo de contabilisar ao fazer-se no fim do exercicio o inventario dos productos existentes, a diferença entre estes e o debito da conta de Productos Fabricados, representa o valor dos productos vendidos ao preço do custo, pelo que se faz o seguinte lançamento:

VENDAS REALIZADAS  
A PRODUCTOS FABRICADOS  
Pelo custo dos productos  
vendidos durante o exercicio.

e em seguida salda-se a conta de Vendas Realizadas por contra-partida da conta Perdas e Lucros, mas esta forma de escriturar está fóra do criterio das partidas triplas que tem por fim conhecer-se á medida que as operações se realisam os seus resultados.

Vamos agora á escrita dum retalhista:

Como é possível movimentar todos os dias a conta de Perdas e Lucros, mesmo com um enorme dispendio de trabalho, se a maior parte das vezes o retalhista vende durante o dia uma infinidade de artigos duma forma muito variável, nuns ganhando, noutros perdendo, havendo tambem muitos artigos que se inutilisam? Nem ele mesmo sabe a percentagem media do lucro.

Para isso teria o dono do estabelecimento de ter uma especie de Memorial onde fosse mencionando todas as vendas e indicando os respectivos artigos com o respectivo preço de custo. Mas qual era o patrão que ia fazer isto? E como se podia fazer isso se o patrão só pretende despachar os clientes para atender outros? O mesmo succede com os empregados, acontecendo tambem que ha certos patrões e empregados que nem sabem escrever.

Seria interessante saber como é que um merceiro que não sobrecarregue o preço do custo com uma percentagem certa de lucro, poderia apontar o que diariamente sai, vendendo em pequenissimas parcelas, assucar, massa, arroz, grão, feijão, etc., etc. O que fará tambem uma casa de ferragens e materias de

(Continua na página n.º 106)

## DIARIO - RAZÃO - BALANCETE

Na organização d'algumas Contabilidades que organizei e estou organizando nesta Ilha, tenho empregado com resultado satisfatorio, o sistema do Diario-R.-Balancete.

Este metodo tem, a meu ver, alem d'outras, as seguintes vantagens:

- 1.ª — Não necessitar do Livro Caixa
- 2.ª — Não necessitar do Diario Analitico
- 3.ª — Não necessitar do Razão Analitico
- 4.ª — Dispensar as laboriosas pesquisas que é necessario fazer, mensalmente, para encontrar as verbas precisas para fazer a partida mensal, tais como o extrato de Caixa, transacções diversas, etc.
- 5.ª — Apresentar diariamente o balancete da Empresa.

— Como se procede nas grandes Empresas?

Fechado que seja o expediente o Tesoureiro lança o movimento do dia no D. R. B. preenchendo unicamente a coluna «Caixa». As entradas de dinheiro são inscritas a tinta vermelha, as saídas, a tinta preta.

Somado o movimento do dia com os transportes do dia anterior, acha-se o saldo (diferença entre os totais a vermelho e preto). Como é natural o saldo deve conferir com a existencia real em cofre.

O D. R. B., acompanhado dos respectivos documentos comprovativos, é remetido á Contabilidade, no dia seguinte ao que se refere.

Ao receber o D. R. B. o Guarda-Livros distribue pelas varias contra-partidas o movimento de Caixa, isto é, lança a tinta preta (credito) o que na coluna

«Caixa» estiver a vermelho, e, a tinta vermelha (debito) o que estiver a preto na coluna «Caixa». Acrescenta-lhe depois o restante movimento do dia: compras e vendas a credito, saques aceites, emitidos ou recebidos para credito de conta, consignações, etc. etc. escriturando a vermelho e preto na suas devidas columnas; por exemplo: n/ venda a 3 mezes: lançaria a preto na coluna «Mercadorias Gerais» e a vermelho na coluna «Devedores e Credores».

Fazem-se depois as somas e acham-se os saldos, sendo evidente que o total dos saldos vermelhos (devedores) tem que ser igual ao total dos saldos pretos (credores).

Da analise do D. R. B. resulta o conhecimento integral do movimento da Empresa assim como o seu balancete diario.

No fim do mez, o Guarda-Livros diminue aos totais do mez anterior, tendo assim rapidamente, as verbas para fazer a sua partida mensal (4.ª formula). Junto um diario-R.-Balancete com o movimento dum dia pelo qual se avaliará a facilidade de escriturar este modelo.

Alguns Contabilistas julgam indispensavel, neste sistema, uma coluna para «Diario»; penso porem que tal não é indispensavel.

Muito gostaria que os leitores de «A Voz do Comercio», emitissem a sua autorisada opinião sobre o D. R. B..

Funchal, aos 19 de Abril de 1929.

Carlos José Guerra.

Numeros Vermelhos: indicam lançamentos a debito e saldos devedores.  
Numeros pretos: indicam lançamentos a credito e saldos credores.

N.º do documento	Descrição das operações	Caixa	Mercadorias Gerais	Devedores e Credores	Letras a Receber	Letras Descontadas	Letras a pagar	Banco de Comercio	Perdas e Lucros	Consignações de C/ Propria	Movels e Utensillos	Francisco Lopes c/Particular	Antonio dos Santos c/Particular	Francisco Lopes c/ Capital	Antonio dos Santos c/ Capital
	Totais do dia anterior	628 404 12	505 980 86	924 048 13	10 500 00		94 431 39	250 520 12	4 410 00	60 696 83	12 960 00				
	Numeros vermelhos	599 528 72	341 900 86	848 532 71	4 410 00		118 314 96	167 169 59		32 228 83				231 875 78	153 000 00
	Numeros pretos														
190	Cobrança da Letra n.º 2	4 000 00			4 000 00										
191	n/ venda a Souza & C.ª	900 00	900 00												
192	Entrega de Gomes L.ª, para conta de A. Costa	30 000 00		30 000 00											
193	Remessa de João da Silva, em Carta Registada	2 000 00		2 000 00											
194	n/ deposito no Banco do Comercio	20 000 00						20 000 00							
195	Pagamento do n/ aceite n.º 9	5 800 00					5 800 00								
196	direitos factura de John King & F.º	3 900 00	3 900 00												
197	n/ Compra duma Royal n.º 12	2 700 00													
	Factura de John King & F.º S. 235.16.9.		25 234 56	25 234 56							2 700 00				
	n/ remessa á Consignação a Soares & F.º		9 000 00							9 000 00					
	n/ venda a 3m/ a J. Antunes.		6 400 00	6 400 00											
	n/ aceite do Saque de Black Ld.ª para 30/6/29 69.16.11			7 473 52			7 473 52								
	n/ Saque s/ João da Silva a 15/4/29			20 000 00	20 000 00										
	Totais dos numeros Vermelhos	665 304 12	535 115 42	637 921 65	30 500 00		100 231 39	270 530 12	4 410 00	69 696 83	15 660 00				
	Numeros Pretos	631 928 72	358 200 86	920 767 27	8 410 00		125 788 48	167 169 59		32 228 83				231 875 78	153 000 00
	Saldos	33 375 40	176 914 56	17 154 38	22 090 00		25 557 09	103 360 53	4 410 00	37 468 00	15 660 00			231 875 78	153 000 00

O Guarda-Livros

VISTO

## Aritmética Comercial

(Continuação da página 106)

ducto de las mismas. Si los factores fuesen mayores que 1000 el cálculo seria idéntico, pero los millares estarían representados por 1000 mas la suma de las diferencias. Ejemplo:  $992 \times 998$ .

Diferencia de los factores:

Del primero 8.

Del segundo 2.

Los millares del producto son  $1000 - 10 = 990$ .

Las unidades del producto son  $8 \times 2 = 16$ .

El producto es pues 990016.

Otro ejemplo:  $1012 \times 1006$ .

Diferencia de los factores:

Del primero 12.

Del segundo 6.

Los millares del producto son  $1000 + 18 = 1018$ .

Las unidades del producto son  $12 \times 6 = 72$ .

El producto es pues 1018072.

Da Revista de Contabilidad y Ciencias  
Comerciales, de Valencia.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

## A Proposito das Partidas Triplas

(Continuação da página 104)

construção a retalho nas mesmas circunstancias, vendendo, pregos, parafusos e outras ferragens miudas do seu commercio?

Uma escrita assim poderá não ser racional, como o Sr. Caldas o affirma, mas é legal, pois que o artigo 62 do Código Commercial determina que o balanço do comerciante deve ser feito nos trez primeiros mezes do ano immediato, o que significa ter sido previsto que antes disso não se póde achar com a rapidez desejada os resultados da exploração.

Tenho bastante pena de não ter a honra de conhecer o Sr. Caldas para pessoalmente trocar com ele diversas impressões sobre este assunto, mas estou certo que por intermedio do conceituado jornal da nossa classe "A Voz do Comercio," me facultará os conhecimentos que careço, tanto mais que affirma duma forma categorica ser possível escripturar-se pelo processo das partidas triplas, ou por outra, achar o resultado das operações duma forma geral á medida que elas se realisam sem ter que recorrer a um balanço.

Agradecendo a publicação da presente, subscrevo-me com toda a consideração.

De V. Exc.<sup>a</sup>  
Mt.<sup>o</sup> At.<sup>o</sup> e Obgd.<sup>o</sup>,  
Candido Raposo.

## O COMERCIO

Considerado em si mesmo e bem dirigido, o commercio é incontestavelmente productivo. Os commerciantes podem ser considerados os directores e organisadores da produção em todo o mundo.

Leroy-Beaulieu.

Quem é commerciante, é de todo o mundo; é cosmopolita.

Gaspar Pereira da Silva

Por toda a parte, a mocidade do commercio se alistou sempre ao serviço das causas nobres e de avance em prol da cultura geral.

José Pereira de Sampaio (Bruno)

O espirito de commercio produz nos homens um certo sentimento de justiça exacta.

José da Silva Lisboa

A tróca das mercadorias determina a tróca das ideias.

Heeren

A cidade do Porto honrava-se tanto com a sua origem commercial, que no ano de 1436 exigiu de D. Duarte o rigoroso cumprimento do privilegio da exclusão dos fidalgos, que a podiam distraír do seu labor mercantil.

José Pedro Ribeiro

## Amigos de "A Voz do Comercio"

Em Fevereiro apresentaram nos assinantes os seguintes Snrs, a quem, por isso, estamos profundamente gratos.

Francisco Guimarães, Porto — João Oscar de Moraes Barbosa, Barcelos — Alberico R. de Almeida, Avelãs de Caminho — Adriano de Souza Oliveira, Anadia. — Francisco Antonio Godinho, Aljustrel — Herminio Lopes, Lisboa — Augusto Araujo de Carvalho, Lisboa — Antonio Mendes, Santarem — Germano Augusto Dias Milagre, Vila João Belo — Luiz Quintino Magro, Coimbra.

## PEDIDO

Rogamos a quem não collecciona «A Voz do Comercio» o favor de nos ceder o 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup>.

## No próximo numero

Aritmetica e escripturação para principiantes.  
Como deve ser feita a abertura da escripturação de varias firmas.

## Obrigatoriedade de escripturação

A Comissão encarregada de conseguir efectivar a obrigatoriedade de escripturação já concluiu o estudo dos projectos que lhe foram apresentados. O Sr. Antonio Martins da Fonseca retirou o seu projecto, poucos dias depois de o ter apresentado, a fim de que aquella comissão podesse perfeitamente á vontade e por tanto, melhor e com mais rapidez fazer os respectivos estudos.

Presentemente a dita comissão está elaborando um projecto de accordo com as principaes entidades interessadas e em que incluye o que de melhor encontraranos projectos que estudou.

Esse novo projecto será dentro em breve entregue á Comissão Administrativa da Associação dos Contabilistas e Guarda-livros do Norte de Portugal que o submeterá á apreciação dos snrs. associados.

## BENEFICENCIA

Uma cancerosa em estado muito grave e que vive na miséria, implora a vossa caridade. Mora na rua Fernão de Magalhães, n.<sup>o</sup> 99 2.<sup>o</sup> Recebem-se donativos nesta Recdação.

Transporte . . . . .	29500
Anonimo (Cota mensal) . . . . .	10000
Anonimo . . . . .	2550

Total 41950

# ASSOCIAÇÃO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS DO NORTE DE PORTUGAL

## VIDA ASSOCIATIVA

### O 1.º congresso dos contabilistas e guarda-livros portugueses

Fundada a «Associação dos Contabilistas e Guarda-Livros do Norte de Portugal», logo pensamos que a melhor fórmula de a fazer prosperar, e que servia um poderoso meio de defeza e auxilio da classe, era a fundação dum jornal proprio. Por isso, fundamos «A Voz do Comercio».

Agora, que a Associação e o jornal teem vida progressiva, embora lenta, devido ao pouco auxilio que lhes é prestado, parece-nos ver chegado o momento oportuno de se realizar um congresso para tratar de varios assuntos de interesse profissional. O congresso contribuirá melhor que a Associação e o Jornal, por que estes ainda estão no periodo de infancia, será mais potente para conseguir a realisação, senão de todas, ao menos de parte, das justas aspirações da classe.

Eis, pois, porque já estamos trabalhando activamente para a realisação do congresso.

Como carecemos de muito auxilio para que possamos realizar um congresso que seja de resultados proficuos, digno da classe, rogamos a todos os colegas o favor da sua coadjuvação, que muito agradeceremos.

Nesse sentido, devem dirigir-se á comissão organisadora, rua de Santa Catarina, 502. Porto.

### Acta da segunda «Reunião Tecnica»

Aos vinte dias de Julho de mil novecentos e vinte e oito, realisou-se na Séde da Associação dos Contabilistas e Guarda-Livros do Norte de Portugal a segunda reunião tecnica promovida pelo «Conselho Tecnico» da dita Colectividade. — Presidiu o Excelentissimo Senhor Francisco Guimarães, secretariado pelos Excelentissimos Senhores Ernesto Cabral e Gaspar Rangel, respectivamente primeiro e segundo secretario. Ao abrir a sessão, eram vinte e uma horas, o Senhor Presidente disse que estas reuniões podiam e deviam ser muito interessantes e benificas desde que os senhores associados se interessassem devidamente por ellas e, por isso, pedia a todos os socios presentes que conseguissem que o maior numero possivel de colegas tomasse todo o interesse por elas. Certo de que este seu pedido será tomado na melhor consideração, agradece a distincção que lhe foi conferida de presidir aquella reunião que declarou aberta. Em seguida apresenta a primeira das consultas que deram motivo aquella reunião, e que o socio numero cento setenta e oito exposera do seguinte modo:

Uma sociedade por cotas está envolvida num caso de aceite em Letras de favor, e, para sua garantia possui uma carta, reconhecida, que lhe foi passada pelo sacador a quem favoreceu.

Estando as Letras em referência protestadas no Tribunal do Comercio, pergunta-se — Que responsabilidades cabem, neste caso, aos aceitantes, e a que meios estes teem de recorrer para a sua defeza?

Pedindo a palavra o Senhor Carlos Tavares Bas-

tos, e sendo-lhe concedida, cita varios considerandos de Direito Commercial, que se podem prestar a diferentes modos de ver e conclue por dizer que se a Letra de favor, o aceitante é obrigado a liquidá-la. Depois o Senhor Sebastião Mendes diz que se a referida Letra fôr apresentada pelo sacador não deve ser paga, para o que se tomarão as devidas providencias, se houver endosso, e portanto se a letra fôr apresentada por um terceiro, tem sempre de ser paga, sem prejuizo de ulterior procedimento. O Senhor Jorge Cruz Lopes dos Reis apresentou o seu parecer por escrito, que diz:

Primeiro — *Uma sociedade por quotas, ou qualquer outra, não pode usar da firma senão em puros actos de comercio e por isso mesmo não pode nem deve aceitar letras de favor;*

Segundo — *Se aceitou uma letra (embora de favor) reconheceu-se, implicitamente, devedora da respectiva importancia e por tanto nada mais tem a fazer que pagar, sob pena da letra ser protestada e, possivelmente, executada.*

Terceiro — *A carta é uma garantia (boa ou má, mas no fim de contas, uma garantia) para a sociedade que, trindo-se a si mesma, consentiu em assinar letras de favor, principio inadmissivel em comercio regular embora abusivamente seguido ha anos a esta parte com os resultados deploraveis bem conhecidos de todos.*

Quarto — *Se porem a escritura não permite essas assinaturas de Letras de favor (e é preciso que a escritura expressamente o declare pois que, nada dizendo subentende-se que o não permite) ou se de qualquer acta não conste convenção social que tal consinta, o responsavel é o socio que apôz a sua assinatura em tal documento, o que lhe era vedado, sendo responsavel, alem do valor da letra, pelas perdas e danos que possa causar á firma.*

Quinto e ultimo — *Os meios de defeza que não sejam o pagamento voluntario por parte do sacador ou do sacado, pertence ao advogado aconselhá-los, mas não vemos que possam servir para mais do que protelar o assunto.*

Por fim, o Senhor Presidente manda ler o parecer do consultor juridico desta Associação, Excelentissimo Senhor Doutor Melo Leote, do seguinte teor:

#### CONSULTA:

Pergunta-se qual a responsabilidade duma sociedade por cotas, que fêz um aceite de favor numa Letra que vai ser protestada por falta de pagamento, sendo certo que o sacador escreveu a aceitante uma carta esclarecendo tratar-se dum favor, e cuja assinatura se encontra reconhecida.

#### RESPOSTA:

Na teoria clássica o caso ofereceria alguma dificuldade, pois que o aceite de Letra seria, se não a prova pelas menos a presunção de uma relação de crédito do sacado contra o aceitante.

(Continua)

## SECÇÃO LITERARIA, ARTISTICA, MORAL E SCIENTIFICA

### OS IRMÃOS BERNOUILLI

É notavel o contraste que oferece a proficuidade e grandeza de certas vidas com a vacuidade e banalidade peculiar a outras muitas.

Perguntamos cem vezes a nós mesmo se é isso culpa dos homens ócos e banais sómente ou se é tambem de outros que não procuram a seu tempo despertar neles o gosto e o apreço pelas cousas realmente dignas das nossas atenções.

Houve outr'ora em França dois irmãos bem notaveis, e dignos portanto que neles se fale.

Muito embora os separasse uma differença de treze anos, os seus gostos e predilecções, o seu merito e fama, eram eguaes em ambos.

Chamava-se um Jaques e o outro João e tinham o apelido comum de Bernouilli.

Escrevemos este nome, a primeira vez ao falar de Ampère. Tinha este grande fisico doze anos quando lhe apeteceu lér as obras de Euler e Bernouilli.

Ficou muito contrariado quando lhas apresentaram em latim, mas como, apesar da sua pouca idade, possuía uma notavel força de vontade, poz-se a aprender essa lingua, e alguns mezes depois deliciava-se com a leitura daqueles dois geniais autores.

Se a força de vontade era grande em Ampère, tambem não escasseára em os irmãos Bernouilli. Ela, e os demais predicados que andam pelo comum associados uns aos outros.

Jacques fôra destinado para padre mas, diz um autor, a natureza fadara-o para matematico.

E foi realmente matematico, a despeito da opposição do pai.

Que falta de senso a destes homens, que não só não indagam a vocação dos filhos como ainda se contrariam quando succede esses filhos manifestar as!

Jacques estudou pois ás escondidas, e depressa passou da matematica á astronomia.

Perpetuou os seus rapidos progressos gravando um medalhão em que aparecia Faetonte conduzindo o carro do sol e a legenda «Encontro-me no meio dos astros, não obstante meu pai!» E um biografo escreve: «Podia ter acrescentado: sem condutor nem mestre!»

Aos dezoito anos era já distincto em matematicas, e tanto que poucos anos depois era tido como digno emulo de Leibnitz, ele e seu irmão mais novo.

Morreu aos cincoenta e um anos, e querendo, como Arquimedes, ornar o túmulo com uma aluzão á sua melhor descoberta, ordenou que na sepultura fosse colocada uma espiral logaritmica e as palavras *Eadem mutata resurgo.*

Foi tambem poeta distincto, deixando versos em alemão, latim e francez.

D'Alembert confessa dever a João Bernouilli a parte mais importante dos progressos que fez na geometria.

Este, egualmente precoce como o irmão, imaginou aos dezoito anos o calculo diferencial ou a teoria dos infinitamente pequenos sobre as idéas vagas emitidas por Leibnitz sobre o assunto

Numa viagem a Paris relacionou-se com o marquez de l'Hopital, que tão encantado ficou com ele que o levou para os seus dominios, onde permaneceram os dois por largo tempo absolutamente entregues a assuntos matematicos.

### A UM PERU

Vamos lá filosofar  
O meu amigo peru.  
Preciso desabafar,  
Por isso vales-me tu

Porque has-de ouvir e calar  
Ostentas com magestade  
O papo cheio de milho  
E muito mais de vaidade,  
Acreditando, meu filho,  
Que t'o dão por amizade.

Hão-de levar-te abraçado  
E julgarás, satisfeito,  
Que por amor és levado  
Com tanta cautela e geito  
Desde a praça do mercado.

Has-de comer, coitadinho,  
noite, dentro dum prato,  
Algumas sopas de vinho  
E pensarás que esse trato  
É prova d'algum carinho.

Depois disso a cozinheira  
Toma-te o pezo na mão,  
E ha-de dar-te a bebebeira  
Para valsar pelo chão;  
Ou em cima da lareira!

Cantarás até, no cabo,  
Quando as creanças pequenas  
E levadas do diabo  
Vierem tirar-te as penas  
Da barriga e mais do rabo.

Mas quando a faca, menino,  
Se aproximar com presteza,  
Dirás mal do teu destino  
E então verás, com surpresa,  
Que andavas em desatino!

Se é permitido e decente  
Comparar os animais  
A maior parte da gente,  
Quando a lisonja é de mais,  
Desconfiar é prudente.

#### ACACIO DE PAIVA.

Voltaire escreveu as seguintes linhas em um retrato de João Bernouilli:

O seu espirito conheceu a verdade e o seu coração a justiça; honrou simultaneamente a sciencia e a humanidade.

(Perdoe se-nos escrever aqui *verdade* com v minusculo. E' porque entendemos só merecer essa palavra o V maisculo quando se trata da Verdade moral, e Bernouilli, parece-nos, só terá descoberto a *outra*, a verdade scientifica, aquela que varia com frequencia, em contrario *da nossa*, que é eterna e imutavel!)

E' notavel, repetimos, o contraste que oferece a proficuidade e a grandeza de certas vidas, assim no ponto de vista intelectual como sob o aspecto moral, com a vacuidade e a banalidade peculiar a outras.

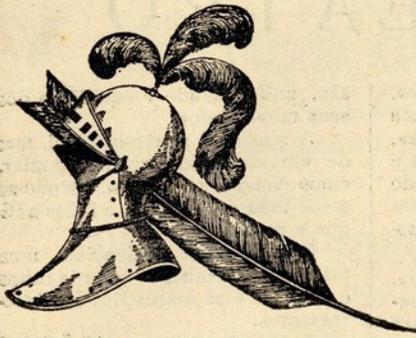
Perguntamos infinito numero de vezes a nós mesmo se é isso culpa dos homens ócos e banais sómente ou se é tambem de outros que não se incomodam a procurar a seu tempo despertar neles o gosto e apreço pelas cousas realmente dignas das nossas atenções.

A um pai que se lamentava por seu filho seguir uma vida falha de interesse, perguntamos nós uma vez se ele procurara dar-lhe o *exemplo* de que se deviam encaminhar os nossos passos noutra direcção?

Reconheceu que não se lembrara de tal, e que apenas o tentara conseguir mediante *conselhos* dados sem cessar ao filho...

O resultarem quasi inuteis semelhantes esforços é uma das consequencias que o egoismo acarreta consigo.

LUIZ LEITÃO



# COMERCIO

SECÇÃO PARA OS NOVOS

## Os dois Soldados

Diogo e Vidal assim se chamavam dois rapazes da minha aldeia que na infancia tempo da inocência -- foram meus companheiros predilectos.

A differença de dois anos que havia entre mim e elles nunca obistou que fossemos os amigos intimos confundidos sempre no mesmo ideal — a brincadeira

Estavamos sempre de acordo com as propostas que cada um apresentava para gaudio das aspirações infantis. Lembro-me que bem cedo começava a epoca de banhos para nós, sempre prontos a mergulhar no tanques proximos da nossa aldeia, e muitas vezes fugiamos pelos campos fora quando eramos perseguidos pelos donos que prohibiam todo o bulicio nas suas propriedades.

Ainda me recordo que uma occasião que nos banhavamos foi-nos roubado o fato pela dona do tanque que o levou para a aldeia. Quando saltamos para fora e que não encontramos os nossos fatos lançamos as imprecações mais veementes para quem quer que fosse o autor da partida, mas sendo-nos dito que fôra a proprietaria, marchamos chorosos para a aldeia, sendo no trajecto alvos dos sorrisos dos habitantes do logar já prevenidos do nosso estado de nudês.

Tudo isto se passou quando eramos crianças. Mas passaram-se os anos e elles chegaram á idade fatal dos vinte anos em que não se encontraram senhores de si; mais fracos quando se julgavam mais fortes.

Haviam-se tornado uns perfeitos homens de trabalho. O Diogo era filho unico, quem dirigia o trabalho da casa porque os seus velhos já de idade bastante avançada só renunciaram á laboração quando já de todo não podiam. O filho tornou-se o digno successor dos pais

## HORAS DE PRAZER

*Tu és a flor azul de rara essencia,  
Crescida num lendario jardim.  
As pétalas são feitos de setim  
Ceruleo, de fina transparencia.*

*Eu sou uma ave branca de marfim  
Implume quasi, em minha adolescencia.  
Que tento adormecer-te — que demencia! —  
Num sonho bisantyno sem ter fim.*

*E occulto em verdejante ramaria  
Vou gorgueiando os psalmos d'alegria  
Que sinto ds me ver perto de ti.*

*Escutas tu, em languido desmaio,  
As lucidas canções que no ar espraio  
E de consolação minh'alma ri!*

J. RODRIGUES GRANDE.

e por isso era a alegria e o enlevo destes. O Vidal que de fortuna possuia os seus musculosos braços tornou-se o amparo de sua pobre mãe e de sua infeliz irmã por lhe ter faltado o pai, homem trabalhador e bastante honesto, quando ele apenas contava dezas-is anos.

Qualquer destes rapazes tornou-se um perfeito esteio de familia. Um mantinha com ardor os bens que os seus haviam adquirido trabalhosamente no decorrer dos tempos, assegurando assim uma paz remuneradora aos que com jus agora descansavam. O outro representava a vida de duas criaturas que sem ele cairiam irremediavelmente nas fauces do abismo.

A falta de quaisquer destes rapazes, representaria para os seus, perdas insubstituiveis. Mas como já disse, chegaram á fatalidade dos vinte anos e então as leis militares roubaram-os ao convivio dos entes

mais queridos. Chamados para a vida militar, só os seus sentiram bem os resultados da sua ausência, se bem que ficaram fazendo falta a todos nós, porque são dois productores a menos dos elementos necessários á vida.

Depois de aprenderem a instrução o seu batalhão foi mobilisado e eles nem tiveram tempo de se despedir da familia e das namoradas, partindo a cumprir o sagrado dever de defender a pátria.

Lá foram embalados pelas ondas oceanicas até que desembarcaram em terras de França. No meio do mar, quando já terra não viam, a recordação do passado e da familia oprime-lhes o coração, torna-os meremcórios e um forte mutismo os acompanha até ao cais do desembarque. Nos seus camaradas a mesma dor intensa se via estereotipada nos rostos.

(Continua)

# NOTAS DE THEATRO

por Guido Severo

## COMPANHIA

### HORTENSE LUZ

Esta illustre actriz é hoje sem dúvida alguma uma das nossas primeiras figuras do teatro ligeiro, como igualmente o tinha já sido do teatro declamado, nas Companhias Maria Matos e Lucilia Simões.

Para não desmentir que se ha coisas impossiveis de ocultar são elas a vocação e o talento, Hortense Luz não fugindo á regra, manifestou as suas invulgares aptidões para o género musicado, desempenhando com toda a intenção e de uma maneira azougada, comunicativa e interessante, o papel do «Gavroche» na revista carnavalesca «CHIC-CHIC» de Erico Braga e Barbosa Junior. Todos previram logo que estava ali uma futura artista, que deveria marcar na modalidade do nosso teatro que presentemente está mais falha de aptidões artisticas — o teatro alegre. E d'aí, depois de estar um certo periodo contratada, formou companhia para explorar o teatro Maria Victoria, do qual ainda é empregaria.

Estreou-se nesta cidade com a revista «A RAMBOIA» de Luis Silva e Xavier de Magalhães, que em Lisboa fez uma larguissima carreira. «A RAMBOIA» é acima de tudo uma revista popular, atraente e palpitante de vida como uma festa campestre. A peça foi cozinhada muito ao paladar das plateias lisboetas, comentando casos, desenhando tipos, focando costumes, com que não estamos muito em contacto. E isto poderia conduzir a decepções tremendias atendendo aos paladares diferentes, por vezes antagonicos, dos publicos do Norte e do Sul.

Ao contrario do que se poderia esperar, a revista marcou um successo como de ha muito não ha memória, pois manteve-se no cartaz todo o mez de Abril, e sempre com óptimas casas.

Hortense Luz, é sem duvida alguma, a atriz portuguesa que melhor desempenha os tipos populares, principalmente *travestis*, devido á sua figura *mignonne*, ingenuidade natural, articulação primorosa e voz de timbre agradável, a que comunica toda a vibração da sua grande alma de Artista. E' vê la no «Deita-Gatos», o pobre galeguito que anda a mourejar por esses bairros humildes amolando

tesouras e concertando guarda-soes, sempre na mira de amealhar uns cobres para mandar a «sus padres», que estão na Galiza talvez velhos e cansados. Que bela imitação do dialecto galaico e que simplicidade avelhacada transparece do personagem!

Egualmente no «Pé-Descalço», a garota que arranjou umas chinelas velhas em qualquer lixeira, para não ser presa em vista da bem conhecida disposição policial, Hortense empresta ao seu papel a mais natural desenvoltura e gaiate abrejeirada. No «Ribatejo» recita a primor lembrando-nos a sua bem vincada passagem pelo teatro de declamação, evocando as *faenas* tauromaquicas dos nossos *azes* da nobre arte de Marialva e Vimiosol. No final da revista, na «Vida côr de rosa» tere sobremaneira uma nota de distincção.

No desempenho salientam-se: Ema de Oliveira, actriz caracteristicamente portuguesa, espalha a flux alegria em todos os seus papeis de que tira os melhores efeitos; Corina Freire, possuidora de uma voz delicada de melódico timbre, não muito volumosa nem extensa, mas de grande suavidade de emissão, valorizou as personagens a seu cargo; Georgina Cordeiro, emprestou aos seus numeros toda a «coquetterie» que se evolva da sua bela «silhouette» parisiense; Maria Benard, patenteia evidentes progressos e Delfina Costa, deu brilho e gentileza aos seus trabalhos.

No elemento masculino, destacam-se: Santos Carvalho, actor que até esta data só se tem afirmado na revista, sobretudo em papeis populares, realisa sem exageros na «RAMBOIA» belos «tipos», de que tira o melhor partido; Antonio Gomes, interpreta conscienciosamente todas as suas rúbulas, e diz com superior elevação o monólogo do Teatro, no final do 1º acto; Alberto Ghira, no canastrão do *compère*, defende se conforme pode, embora não seja daqueles papeis em que o t-nho visto brilhar mais; Fernando Pereira, deslocado do seu verdadeiro lugar que é na boa opereta vae bem no «Salustiano», mas apresenta-se muito mal caracterizado na «Mouraria» e Francis, bailarino portugês, muito bem nos seus trabalhos coreograficos.

O grupo de *girls* embora pequeno, é dos melhores que se tem apresentado em Companhias portuguesas, sendo de notar a preci-

são, uniformidade e equilibrio dos seus movimentos.

A musica é pouco original, mas de um accentuado sabor popular, como convem ao genero, filiado-se quasi toda em canções e fados antigos e modernos.

Os scenarios evidenciam uma mancha modernista, o guarda-roupa é vistoso e as marcações são interessantes.

A seguir veiu o «GRÃO DE BICO» adaptação em 3 actos de 3 cavalheiros, cujo nome não importa, pois o que interessaria era saber-se o titulo da peça que eles traduziram e o nome do respectivo autor. Hoje estamos nisto, os autores portugêses não possuindo originalidade nem imaginação, nem tão pouco fantasia, precisam de se juntarem aos 3, 4 e 5, para copiarem o que os outros fazem, com pequenas variantes do local da acção e dos nomes das personagens.

«GRÃO DE BICO», dá enjeito a Hortense Luz no desempenho do protagonista brilhar sobremaneira na encarnação do modestissimo e bisonho marçano, possuidor de grande alma e coração de oiro. Ha certos criticos que entendem que uma artista só pode manifestar talento em papeis de grande espectacularidade, que exijam faustos vestuarios e grandes tiradas tragicas. Não atingem esses *altos espiritos* que é muito mais de apreciar a transplantação para a scena, da vida dos humildes, com todos os seus porm-nores, feita por quem pertence a uma outra classe social, do que a interpretação de personagens que lhe fazem lembrar pessoas com quem priva todos os dias. E é bom lembrar a esses criticos que Adelina Abranches, apesar de não dispôr de grande figura chegou a ser uma notavel actriz, e ainda hoje se não desdoura de interpretar o bem plebeu «Gaiato de Lisboa», que é talvez a sua melhor criação. Houve quem dissesse que o «Grão de Bico» era uma vergonha teatral; esses que isso dizem desconhecem com certeza que essa peça é de Arniches, grande comediografo espanhol e falam assim por a julgarem de autores portugueses.

Será bom frisar que todas as peças levadas á scena até esta data pela Companhia Hortense Luz, marcam sobretudo pelo escrúpulo com que estão encenadas e pela mais completa ausencia de obscenidades, o que nos tempos que vão correndo é muito para louvar e admirar.

# GRANDE COLÉGIO DA BOAVISTA

(FUNDADO HA 66 ANOS)

PARA O SEXO MASCULINO

Internato, Semi-Internato, Externato — CURSOS: Primário, Liceal (completo) e Commercial, Música, Dança, etc.

**PORTO**

GRANDE COLÉGIO DA BOAVISTA

Rua da Boavista, 112

TELEFONE, 4068

**VILA REAL**

COLEGIO NOSSA SENHORA DA BOAVISTA

(FILIAL)

Palacete das Virtudes

Coisas que é  
bom conhecer

**O LEITE**

O leite é para os animais mamíferos de tenra idade mamarem antes de terem dentes para mastigar alimentos sólidos.

O leite que o homem usa é um alimento desnatural, se exceptuarmos o materno.

Em contacto com o ar o leite sofre profundas alterações na sua estrutura física e na sua composição química. O Dr. Averkijew (1911) demonstrou que o leite exposto á luz e ao ar contém substancias nocivas. Ao cabo de muitos anos de experiencia chegou ás conclusões seguintes: *O leite exposto á luz, e ao ar dá origem a um verdadeiro alcaloide de naturezas tóxicas nas proporções de 0,51 por mil. Esse alcaloide póde ser comparado e classificado entre as ptomainas.*

E' uma substância que funde a 41° e caracteriza-se pela sua grande toxidez. A sua fórmula é  $C_{35}H_{69}NO_6$  e póde chamar-se Feterina.

**CASA DOS LIVROS**

RAPHAEL PEREIRA DOS SANTOS

ARTIGOS PARA BORDAR

660, R. Fernandes Thomas, 664

(Casa fundada em 1860) Telefone. 4021

PORTO

LINHOS, ATOALHADOS,

e BORDADOS

da Ilha da Madeira

**QUE COISA!**

GUARDA-LIVROS

«Encarrega-se de escritas a preços de combate. Boas referencias. Resposta ao n.º 521 Rossio, 42.»

(Dum jornal.)

Ando a moer o toução  
Sem que esta charada mate:  
«Escrita a preços de combate»  
Como é que você faz isso?  
Que diabo de disparate!  
Isto até me causa enguiço!  
— O que é que você combate:  
E' o preço... ou o serviço?

**Ora ésta!**

Quem foi que pôs num jornal  
«Escrita a preços de combate»?  
Quem fez tão chôcho dislate?  
Não caio em mim de espantado,  
Ao vêr semelhante anuncio...  
Credo! Jesus! Abrenuncio!  
Para o que eu estava guardado!  
Tenha vergonha, seu diabo!  
Vergonha inda é coisa boa  
E, em seu anuncio, expulsou-a  
Com... um pontapé no rabo!  
A ter sucesso o trabalho,  
Já não me admiro nada  
Se amanhã vir anunciada:  
«Escrita por grosso e retalho».  
E mesmo até — porque não? —  
Coisas assim neste gôsto:  
«Lençois, toalhas de rôsto  
E escritas fim de estação».

Post scriptum:

Para anuncios deste estilo  
Era melhor o remate:  
«Escritas a preços de combate,  
Em côres lisas, ás riscas,  
Ao metro, ao litro e ao quilo,  
Em bife, em sopa e em iscas»!...

A. I.

Do semanario humoristico  
«Sempre Fixe».

## TINTAS PARA ESCREVER

**COLAS****LACRES**

## ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO

A. FERREIRA, L.<sup>DA</sup>

LISBOA (PORTUGAL)

ORGANIZAÇÃO ECONÓMICA MODERNA

**Milheiro & Sotto Mayor**

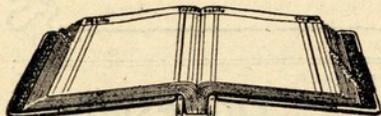
Organizador Técnico

**Silvino Sotto Mayor**

S. João da Madeira (Portugal)

Especialista em artigos de contabilidade moderna

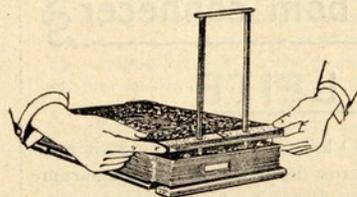
Livros de folhas móveis de todos os modelos

**LAMIA-RRIMCY**

Os nossos livros de folhas móveis apresentam uma superfície perfeitamente plana.

O Lamia abre e fecha por uma simples pressão.

Os livros do nosso fabrico são garantidos por 7 anos.

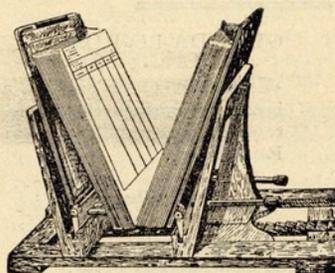
**SUPORTE PRÁTICO**

PERMITINDO ADAPTAR OS LIVROS LAMIA E PRIMCY

A'

Contabilidade à máquina

Uma necessidade — uma despesa. A pior de todas as despesas e a única inevitável é a que resulta de uma necessidade, porque aumenta constantemente enquanto a falta do «necessário» persistir.



Adquiri imediatamente, se for possível, aquilo de que carecerdes.

Uma necessidade corresponde à existência de um vácuo impossível de preencher enquanto o necessário faltar.

O livro de folhas móveis  
"LAMIA"

E' o mais prático de todos os sistemas para a escrituração à máquina.

CASAS DE VENDA

**Milheiro & Sotto Mayor****S. João da Madeira**Agentes em Portugal dos  
ESTABELECIMENTOS COGERY & HERVE'**Araujo & Sobrinho****Largo de S. Domingos = Porto**

Sub-agente técnico no Porto:

**Antonio Martins da Fonseca****Travessa de S. Marcos, 14**

Concede-se ainda a sub-agencia em alguns pontos do país. Escrever representante geral.